

# Revista ENSAIOS TEOLÓGICOS

Online ISSN 2447-4878



Ensaio Teológico está licenciada com uma Licença Creative Commons  
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional

## PAULO E A ESCRAVIDÃO DIANTE DO CASO ONÉSIMO Paul and slavery in the case of Onesimus

Ivanildo Luís dos Santos Gomes<sup>1</sup>

### RESUMO

Dentre os males que a igreja cristã enfrentou desde o seu nascedouro, a escravidão foi certamente um dos maiores. A epístola de Paulo a Filemom é um magnífico espelho que reflete a luz e a beleza do evangelho quando este é vivido realmente. Durante séculos a narrativa de Filemom foi lida como a história de um escravo que fugiu de seu mestre e agora deve ser reconciliado com ele, e continuar o bom relacionamento entre mestre e escravo. Pequena, simples e objetiva, a epístola não está construída em torno de assuntos fáceis, e seu arcabouço encerra discussões que têm acompanhado a igreja cristã por séculos. A liberdade cristã confronta a injustiça e a opressão, mas não pode atrair riscos e afrontas sobre a comunidade mais ampla. Há relações que precisam ser restauradas, testemunhos que precisam ser mantidos, e a proclamação do evangelho da graça que deve continuar livre no meio da comunidade. O senhorio de Cristo é o parâmetro para o perdão, para a tolerância, para a convivência em ambientes hostis e para a saúde espiritual e social da igreja. Em Filemom as estruturas escravagistas são enfrentadas com base numa ética altruísta, humanizada e mais elevada do que o sistema jurídico e ético vigente no governo e na sociedade organizada da época: o *ethos* do Reino de Deus segundo os ensinamentos de Paulo e os modelos de suas comunidades. Mais do que uma pequena carta, Filemom é um tratado de relações humanas, direitos humanos, cura, reconciliação e estabelecimento de novos paradigmas sociais e culturais, como a comunhão dos santos, as relações homem e mulher, judeu e gentio, servo e senhor, todos vivendo segundo os ditames da graça e do amor cristão.

<sup>1</sup> Diretor da Base Regional da Paz Church em Porto Alegre, RS. Bacharel em Direito pela Universidade Federal do Pará – UFPA. Pós-graduado em Educação pela Universidade Luterana do Brasil – ULBRA. Bacharel em Teologia pelo Seminário Teológico Evangélico do Betel Brasileiro (livre). Graduado do *Haggai Institute International*, em Cingapura. Mestrando em Teologia pelas Faculdades Batista do Paraná – FABAPAR. E-mail: ivansgomes@gmail.com.

**Palavras-chave:** Filemom. Escravidão. Liberdade Cristã. Reconciliação. Ética.

## ABSTRACT

Among all evils that the Christian church has faced since its beginning, slavery has certainly been one of the greatest. Paul's epistle to Philemon is a magnificent mirror that reflects the light and beauty of the gospel when it is lived out with reality. For centuries, the narrative of Philemon has been read as the story of a runaway slave who fled from his master's household and now must be reconciled with him, and continue a good relationship between master and slave. Small, simple, and objective, the epistle is not built around easy subjects, and its framework deals with discussions that have accompanied the Christian church for centuries. Christian freedom confronts injustice and oppression, but it cannot attract risks and affronts to the larger community. Some relationships need to be restored, testimonies that need to be kept, and the proclamation of the gospel of grace that must remain free in the midst of the community. The lordship of Christ is the parameter for forgiveness, tolerance, coexistence in hostile environments, and the spiritual and social health of the church. In Philemon, slavery structures are faced based on an altruistic, humanized, and higher ethics than the judicial and ethical system prevailing in the government and the structured society of the time: the *ethos* of the Kingdom of God according to the teachings of Paul and the models of his communities. More than a short letter, Philemon is a treaty on human relations, human rights, healing, reconciliation and the establishment of new social and cultural paradigms, such as the fellowship among the saints, the relationship man and woman, Jew and Gentile, servant and master, all living according to the dictates of Christian grace and love.

**Keywords:** Filemom. Slavery. Christian Freedom. Reconciliation. Ethics.

## INTRODUÇÃO

A escravidão é uma prática exploratória tão antiga quanto a civilização humana. Quase todas as sociedades que aparecem na Bíblia, por exemplo, praticaram alguma forma de escravidão. Assim, este artigo tem como objetivo destacar algumas das discussões recentes e as conclusões de eruditos cristãos, no que diz respeito à escravidão no Novo Testamento, e lançar reflexões para que pastores, missionários, formadores de opinião e aqueles que ensinam a Bíblia em igrejas locais, possam ter um pano de fundo mais claro sobre as questões suscitadas pela escravidão, ontem e hoje. O lastro é a carta de Paulo a Filemom.

O que se segue são discussões sobre as implicações do caso Onésimo, especificamente o tema da escravidão no contexto da sociedade e das comunidades cristãs do primeiro século, em especial aquelas plantadas ou supervisionadas pelo apóstolo Paulo e suas equipes de colaboradores. O assunto é avaliado à luz do ministério e teologia do apóstolo Paulo, considerando suas implicações sociais, religiosas, econômicas e culturais para a jovem igreja de Colossos. Além dela, por extensão, há reflexos toda a igreja do primeiro século e também do século XXI.

## 1. REALIDADE SÓCIO-HISTÓRICO-CULTURAL DA ESCRAVIDÃO NA ANTIGUIDADE

Os eventos bíblicos se desenrolaram em ambientes nos quais sofreram influências das relações sociais, éticas, econômicas e religiosas. Muitos dos costumes do mundo do Antigo Testamento não eram diferentes daqueles dos povos vizinhos, como é o caso da escravidão. Tratando desse assunto, Haroldo Heimer defende que os textos bíblicos são reflexos das relações sociais, e que de alguma forma eles espelham a sociedade e as relações por trás das palavras do texto escrito.<sup>2</sup> Contudo, o povo de Deus tinha métodos mais humanizados de lidar com as relações sociais, já no antigo Israel.

A Torá hebraica, quando aborda as questões do Código da Aliança, traz uma série de leis casuísticas, as *Mishpatim*.<sup>3</sup> Frank Crüsemann diz que os escravos devem ter formado uma classe social expressiva e considerável no antigo Israel, o que forçou a necessidade de regulamentar as diversas questões referentes a eles. Ele diz que “além de marcar o início das *mishpatim*, o direito dos escravos é o princípio estruturador de toda a primeira metade das leis casuísticas”.<sup>4</sup>

Isso explica a razão de uma dessas leis merecer especial atenção, a relevante questão que é o direito dos escravos. Êxodo capítulo 21 regulamenta os direitos básicos do *escravo hebreu*, tratando em especial de sua libertação (ou da escravidão definitiva), assim como das lesões corporais, maus tratos, e as situações em que pessoas livres eram tratadas ou feridas como escravas.

Um salto temporal para o período do Novo Testamento mostrará que os cristãos do primeiro século viviam e trabalhavam em sociedades nas quais a posse de escravos era comum, sendo muitos deles senhores de servos e escravos. Escravos, proprietários de escravos e cidadãos livres compunham as primeiras igrejas cristãs organizadas. É de Paulo a grande declaração aos gálatas, que diz: "Porque todos quantos fostes batizados em Cristo de Cristo vos revestistes. Dessarte, não pode haver judeu nem grego; nem escravo nem liberto; nem homem nem mulher; porque todos vós sois um em Cristo Jesus" (Gl 3.27,28). Aqui, Paulo

<sup>2</sup> REIMER, Haroldo. Sobre economia no antigo Israel e no espelho dos textos da Bíblia Hebraica. In: REIMER, Ivone Richter (Org). **Economia no mundo bíblico**: Enfoques sociais, históricos e teológicos. São Leopoldo: CEBI/Sinodial, 2006, p. 9.

<sup>3</sup> Após a entrega da Lei no Sinai, Deus outorga um conjunto de leis para a nação de Israel. Estas leis e normas são chamadas de *mishpatim* (מישפטים), e se encontram no livro de Êxodo 21.1—24.18. Elas incluem as leis do escravo contratado; as penas pelo assassinato, sequestro, agressão e roubo; leis civis referentes à reparação de danos, concessão de empréstimos e as responsabilidades dos “Quatro Guardiões”; e as normas que regem a aplicação da justiça pelos tribunais. Nelas estão inclusas também as leis que alertam contra maus tratos a estrangeiros; a observância das festas sazonais e as dádivas agrícolas que serão levados ao Templo Sagrado em Jerusalém; a proibição de cozinhar carne com leite; e a mitzvá da oração. No total, a *Parashá de Mishpatim* contém 53 mitzvot – 23 mandamentos imperativos e 30 proibições. Deus promete levar o povo de Israel à Terra Santa e os adverte contra a adoção dos costumes pagãos de seus habitantes. Cf. Chabad.org. *Mishpatim in a nutshell*. Disponível em [https://www.chabad.org/parshah/article\\_cdo/aid/1298/jewish/Mishpatim-in-a-Nutshell.htm](https://www.chabad.org/parshah/article_cdo/aid/1298/jewish/Mishpatim-in-a-Nutshell.htm). Acesso em 20 de janeiro de 2020.

<sup>4</sup> CRÜSEMANN, Frank. Direito — Estado — Profecia. Questões básicas de uma interpretação sócio-histórica das leis vétero-testamentárias. In: **Estudos Teológicos** – Programa de Pós-Graduação em Teologia. V. 29, Nº 03, 1989. São Leopoldo: Escola Superior de Teologia (EST), p. 286.

enfoca as três principais áreas de divisão na sociedade humana: raça, etnia e religião. São questões de status, disparidade econômica e gênero.

Jennifer A. Glancy, pesquisadora do Cristianismo antigo no *Le Moyne College*, em Syracuse, estado de Nova Iorque, escreveu o livro *Slavery in Early Christianity* (Escravidão no Cristianismo Primitivo). No capítulo 2 ela aborda especificamente o assunto da escravidão nas igrejas paulinas. Como o cristianismo paulino era um fenômeno urbano, ela argumenta que o contato de Paulo com a escravidão teria se dado principalmente em torno da variedade urbana. Glancy diz que além de encontrar escravos nas casas daqueles que lhe ofereciam hospitalidade, Paulo também encontraria escravos, incluindo mulheres e crianças, em lugares públicos e nas ruas. Escravos também eram encontrados realizando todas as ocupações nas cidades greco-romanas. Baseando-se principalmente em Atos dos Apóstolos, ela chega à conclusão de que os escravos nas famílias cristãs eram “corpos dependentes, sujeitos à autoridade intelectual e espiritual dos proprietários de escravos”.<sup>5</sup> Os proprietários de escravos eram, ao mesmo tempo, o ponto de entrada para a igreja e tinham um perfil mais alto dentro dela, desempenhando o papel principal nos batismos de seus lares, como é caso das conversões e batismos coletivos nas casas de Lídia e do Carcereiro, na cidade de Filipos, em Atos capítulo 16.

Numa primeira leitura, a principal questão da Epístola de Paulo a Filemom parece ser a restauração dos relacionamentos entre o escravo Onésimo e o proprietário de escravos Filemom. Como outras comunidades cristãs, eles tiveram que lidar com o potencial conflito decorrente das novas relações de submissão mútua no corpo de Cristo, seja entre judeus e gentios, seja entre escravos e livres. Margaret Killingray, pesquisadora britânica diz que naquelas conjunturas, eles ainda precisavam viver e trabalhar em sociedades com realidades sociais pré-existentes que não poderiam ser facilmente mudadas.<sup>6</sup>

Não era fácil para as primeiras comunidades cristãs, compostas por discípulos judeus, reconhecer seus irmãos gentios como sendo integralmente sementes e herdeiros de Abraão. O cristianismo para eles era particularmente subversivo, radical e transformador. O cristianismo nascente parecia uma contracultura bastante radical, posto que além de nivelar os relacionamentos entre judeus e gentios, trazia esta proposta também para outras esferas das relações sociais, como ricos e pobres, homem e mulher, escravos e livres. Estas e outras são questões que Brian J. Walsh e Sylvia C. Keesmaat trabalham no seu livro *Colossians Remixed: Subverting the Empire* (*Colossenses remixado: subvertendo o Império*), no qual eles mostram como o Império Romano foi confrontado e subjugado sutilmente pelos elevados valores da fé cristã, como foi o caso da experiência da comunidade cristã de Colossos há dois mil anos.<sup>7</sup> Os cristãos não foram chamados simplesmente para trazer alguma melhora para os

<sup>5</sup> GLANCY, Jennifer A. **Slavery in early Christianity**. Minneapolis: Fortress Press, 2006, p. 48.

<sup>6</sup> KILLINGRAY, Margaret. **The Bible, Slavery and Onesimus**. ANVIL Volume 24 No 2, 2007. London: ANVIL, 2007.

<sup>7</sup> WALSH, Brian J.; KEESMAAT, Sylvia C. **Colossians Remixed: Subverting the Empire**. Westmont, Illinois: InterVarsity, 2004, 256 p. Esta obra lida com as demandas sociais e políticas presentes na comunidade de Colossos do primeiro século e as aplica aos dilemas da geração pós-moderna. A proposta é partir de uma mentalidade presa às incertezas do modernismo e do pós-modernismo para uma mentalidade de Reino de Deus, onde se possa viver os valores de um verdadeiro discipulado bíblico.

piores excessos de poder e opressão, enquanto procuram manter as estruturas existentes. Eles foram chamados para viver e realizar bem mais, seja na *ekklesia* seja na comunidade circundante.

## 2. A SOCIEDADE GRECO-ROMANA E A ESCRAVIDÃO

O que exatamente significava ser escravo durante o primeiro século na sociedade greco-romana? Esta é uma carta subversiva e radical? A escravidão estava profundamente arraigada na vida social, econômica e política da sociedade greco-romana, sendo regulamentada tanto pela lei quanto pelos costumes. Kallingray diz que durante o tempo do Império houve alguma melhora nas condições de escravidão; leis foram aprovadas contra certos abusos contra os escravos e um decreto do imperador Cláudio foi emitido no primeiro século, declarando que os escravos idosos ou doentes não poderiam ser abandonados, a menos que fossem libertados.<sup>8</sup>

Uma lei que limitava o número de escravos que poderiam ser libertados pela vontade de um dono sugere que se tornou habitual colocar cláusulas de alforria nos testamentos. Nero permitiu que os escravos, em certas circunstâncias, pudessem queixar-se em tribunal. Apesar de tudo, os escravos estavam inteiramente à mercê de seus donos, e a história mostra como abusos e torturas foram usados para coibir rebeliões, obter confissões e subjugar os mais fracos.<sup>9</sup>

Na Antiguidade, a hegemonia e o domínio de um grupo sobre outro estava diretamente relacionada à situação política e às guerras. Em muitos sentidos, não existiam raças ou nacionalidades específicas que fossem destinadas à escravidão, o que tornava qualquer pessoa susceptível à escravidão, dependendo das circunstâncias que lhe adviessem. Sobre isso, Moses Finley, historiador americano, escreve:

[...] os gregos escravizavam outros gregos quando podiam, os romanos escravizavam os gregos, e ambos escravizavam qualquer povo em que pudessem deitar mãos, quer por meio da captura quer por meio da compra. A maioria dos escravos era, porém, “incivilizados” do ponto de vista dos gregos e romanos. Em princípio, o escravo era um forasteiro, um “bárbaro”, fato que o distingue de todas as outras forças de trabalho involuntário conhecidos pela história.<sup>10</sup>

Houve também aqueles que foram fortes críticos da escravidão em Roma e na Grécia. Os estoicos defendiam que há uma humanidade comum entre escravos e senhores de escravos, mas pediam moderação e domínio do temperamento aos escravos – diziam que é melhor ser um servo do que viver escravizado às paixões. Sêneca não questionava a escravidão em si, mas escreveu que senhores cruéis de escravos excediam os limites da retidão moral.<sup>11</sup>

<sup>8</sup> KILLINGRAY, 2007, p. 88.

<sup>9</sup> KILLINGRAY, 2007, p. 88.

<sup>10</sup> FINLEY, M. **Aspectos da Antiguidade**. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1990, p. 191.

<sup>11</sup> BERG, Peter A. J. van den. Slaves: persons or property? The Roman law on slavery and its reception in Western Europe and its overseas territories. **Osaka University Law Review** No. 63 (February 2016). p. 171-188. p. 176.

Escravos vinham de todas as partes do Império Romano. De maneira geral, os romanos tendiam a desprezar os gregos, particularmente os da Trácia; os gregos desprezavam os bárbaros; os judeus desprezavam os gentios. Mas esses grupos citados, e muitos outros, estavam representados nas populações escravas. Era comum os romanos ricos terem mais de cem escravos, com escravos gregos bem-educados governando suas casas, educando seus filhos e amamentando seus bebês. Em uma sociedade construída sobre o imperialismo em expansão, muitos escravos eram prisioneiros de guerra. Por outro lado, muitos já nasciam escravos, por terem pais escravos, por terem sido vendidos por suas famílias para pagar dívidas, e ainda outros por terem sido abandonados quando bebês em lixões locais e coletados por alguém para serem criados como escravos.<sup>12</sup>

Certos princípios fundamentais da escravidão aplicavam-se a todos os escravos do mundo antigo, a saber, que o *dominus* possuía o escravo, incluindo sua vida, corpo, força de trabalho e propriedade. Portanto, a escravidão significava ser cativo. Nos escombros arqueológicos de Delfos, cidade grega antiga do famoso oráculo, foram encontradas mais de 1300 inscrições, datadas entre os anos 200 a.C. e 100 a.C. Elas tratavam das questões de escravidão e alforria. As inscrições de Delfos definem as quatro características da escravidão da seguinte forma: 1) falta de direitos legais, 2) responsabilidade pela apreensão, 3) incapacidade de a pessoa escolher as próprias atividades e, 4) falta de liberdade para determinar sua residência.<sup>13</sup>

Escravos domésticos, como Onésimo, provavelmente tinham melhores condições de vida. Havia escravos usados nas minas e galés, como era o caso de alguns criminosos condenados, e muitos servindo na produção agrícola. Para estes as condições podiam ser muito desagradáveis, como o consequente encurtamento da vida. Nos lares, relacionamentos de longo prazo podiam ofuscar as distinções essenciais entre escravos e livres, apesar dos romanos enxergarem a escravidão como um estado deplorável e humilde, com "tendências viciosas" e falta de moral.<sup>14</sup> Moralidade faltava na sociedade romana quase como um todo.

Colossos era uma cidade pequena, e a proporção de pessoas realmente ricas era muito pequena também. Ainda assim havia ali um número razoável de escravos, apesar de não formarem um grupo expressivo. Escravos urbanos, trabalhando nas casas ou em pequenos negócios não chamavam a atenção quando andavam pelas ruas. Mas convém lembrar também que entre as pessoas livres havia muita pobreza e miséria, vida equivalente ou inferior à das favelas modernas. Comparados a estes, muitos escravos poderiam facilmente ter mais alimentos, mais segurança e um lugar mais aquecido para dormir.

Os escravos podiam chegar ao ponto de comprar sua liberdade se conseguissem os fundos necessários em um *peculium*, que servia como uma medida tangível da produtividade dos escravos. De acordo com Peter Temin, o direito dos escravos de acumular e reter bens e recursos era uma parte importante do sistema de incentivos. Ele diz que os escravos que eram

<sup>12</sup> SCHEIDEL, Walter. **The Roman slave supply**. Princeton University. May 2007. 22 p. p.13. Disponível em <https://www.princeton.edu/~pswpc/pdfs/scheidel/050704.pdf>. Acesso em 26 de março de 2015. p.09

<sup>13</sup> WESTERMANN, W. L. Slavery and the elements of freedom in Ancient Greece. In: FINLEY, M.I. (ed.). **Slavery in Classical Antiquity: Views and controversies**. Cambridge: William Heffer and Sons, 1960. pp. 17-32.

<sup>14</sup> KILLINGRAY, 2007, p. 88.

vendidos ou libertos mantinham seu pecúlio, embora tecnicamente não pudessem possuir propriedades. Os escravos podiam até mesmo possuir outros escravos.<sup>15</sup>

Por outro lado, tem havido fortes debates ultimamente sobre o poder aquisitivo dos membros da igreja antiga. Alguns pesquisadores e comentaristas argumentam que as igrejas primitivas incorporaram pessoas de diferentes níveis sócio-histórico-econômicos, contrapondo a ideia de que o cristianismo era um movimento de escravos, camponeses pobres e indigentes. O mais provável é que apenas cerca de um a dois por cento da população de uma típica cidade romana viveria genuinamente confortável economicamente. A grande maioria seriam os pobres carentes, com um pequeno percentual da população tendo alguma segurança econômica. Glancy comenta sobre isto: “Em outras palavras, nossa evidência implica que o cristão 'típico' estava bastante propenso a ser, provavelmente, tanto um dono de escravo como um escravo”.<sup>16</sup> Tão forte era essa evidência que essa instituição antiga e onipresente influenciou o surgimento e o desenvolvimento inicial do cristianismo, incluindo o dos textos cristãos.<sup>17</sup> John Barclay avalia essas questões da seguinte forma:

É impossível imaginar alguém como Gaio ou Filemom oferecendo hospitalidade a toda a igreja (Rm 16.23; Fm 2) sem a ajuda de escravos: não se podia manter uma casa grande o bastante para acomodar um número significativo de convidados de maneira contínua sem a assistência de escravos, pelo menos para atender à porta, cozinhar e servir à mesa.<sup>18</sup>

Filemom era agora um seguidor da fé cristã, mas esta era uma condição relativamente nova quando comparada ao tempo vivido por ele sob as normas e os costumes da sociedade dominante. Além do mais, a instituição da escravidão permeava todas as esferas daquela sociedade, seja social, política, econômica e, principalmente, a laboral.

Não deveria ser fácil nem para um senhor nem para um escravo cristãos conviverem em meio ao tecido de uma complexa rede de relações que atuavam nos vários níveis da realidade por eles vivida. Era necessário aprender a administrar as relações sociais existentes e todos os processos de transformação que estavam surgindo.<sup>19</sup> Por isso é importante buscar compreender como funcionavam as relações escravo-senhor no âmbito da comunidade cristã nascente.

A pequena Colossos vira palco de um conflito e, ao mesmo tempo, dos esforços de Paulo para trazer reconciliação e entendimento entre as partes em disputa. Uma breve olhada na

<sup>15</sup> TEMIN, Peter. The Labor Market of the Early Roman Empire. **Journal of Interdisciplinary History**, xxxiv: 4 (Spring, 2004), 513–538. MIT Press, p. 527.

<sup>16</sup> GLANCY, 2006, p. 131.

<sup>17</sup> KIRCHSCHLAEGGER, P. G. Slavery and early Christianity – a reflection from a human rights perspective. **Acta Theologica**. Suppl 23: 66-93. Bloemfontein, SOUTH AFRICA. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.4314/actat.v23i1S.42016>. Acesso em 18 de agosto de 2018. p. 73

<sup>18</sup> BARCLAY, John M. G. Paul, Philemon and the dilemma of Christian slave-ownership. **New Testament Studies**. Volume 37, Issue 2 April 1991, pp. 161-186. Cambridge: Cambridge University Press, 2009. p. 166. Disponível em <https://doi.org/10.1017/S0028688500015642>. Acesso em 18 de agosto de 2018.

<sup>19</sup> CLAVEL-LEVEQUE, Monique. La lettre de Paul à Philémon et les rapports esclavagistes. In: **Dialogues d'histoire ancienne**. Vol. 7, 1981. pp. 221-233. Disponível em [http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/dha\\_0755-7256\\_1981\\_num\\_7\\_1\\_1432](http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/dha_0755-7256_1981_num_7_1_1432). Acesso em 31 de março de 2015, p. 228.

estrutura da epístola, envolvendo seus personagens, tema e contexto mostrará como os ambientes eram afetados pela escravidão, e como lidavam ou deveriam lidar com a questão.

### 3. ASPECTOS GERAIS DA EPÍSTOLA A FILEMOM

Apesar de pequena, composta por 25 versículos e 335 palavras no grego original,<sup>20</sup> Filemom é uma epístola rica em significado e implicações teológicas. É a mais pessoal de todas as epístolas paulinas, mas nem por isso a menos abrangente e aplicável. Paulo escreve a Filemom sobre Onésimo, o escravo supostamente fugido. Filemom havia se tornado cristão através do ministério de Paulo, provavelmente por meio de Epafras, membro da equipe de Paulo que teria plantado a igreja de Colossos. O grande centro irradiador de missões na Ásia Menor era Éfeso, segundo Craig Ott e Gene Wilson. As outras seis igrejas citadas em Apocalipse, capítulos 2 e 3 (Ermirna, Pérgamo, Sardes, Tiatira, Filadélfia e Laodicéia), assim Colossos e Hierápolis (Cl 4.13) seriam fruto deste movimento. Eles dizem que é provável que Paulo não tenha plantado nenhuma dessas igrejas, as quais seriam fruto de um dinâmico movimento de plantação de igrejas lançado a partir do polo efésio.<sup>21</sup>

James Dunn sugere que o título pessoal da epístola pode indicar que Filemom tinha tomado parte ativa no ministério de Paulo, talvez até mesmo tirando um tempo de seus negócios para se unir a Paulo no trabalho evangelístico. O uso do termo comercial *koinōnos* (κοινωνός - parceiro, companheiro) no versículo 17 da epístola a Filemom sugere que Paulo tem um duplo sentido em mente. Filemom não apenas tinha comunhão com Paulo no Senhor, mas ele era também um parceiro de Paulo na obra do Senhor.<sup>22</sup>

De acordo com João Cândido Barbosa, Paulo se utiliza da situação particular da relação rompida entre Filemom e seu escravo Onésimo para escrever uma carta de caráter comunitário e abrangente. Inicialmente, a carta parece endereçada somente a Filemom, mas em seguida ele se dirige também a Áfia e a Arquipo, e por conseguinte a toda a igreja caseira com quem aquela família se reunia. Logo, a carta era para toda a comunidade, que vivia em um sistema escravagista. Nota-se que a concepção de Paulo parecia ser a de que não deveria haver lugar para um sistema de desigualdades entre os seguidores de Jesus.<sup>23</sup>

Paulo também se ofereceu para pagar quaisquer dívidas em que Onésimo houvesse incorrido. Há também a sugestão de que Paulo gostaria de ter Onésimo de volta, com a bênção de Filemom, como apoio e colaborador no seu ministério. Paulo começa a carta com uma saudação a Filemom e a alguns de seus irmãos crentes, e termina com saudações daqueles que estão com ele no local da prisão.

<sup>20</sup> MELICK Jr, Richard R. **The New American Commentary**: an exegetical and theological exposition of the Holy Scripture (Philippians, Colossians and Philemon). Vol. 32. Nashville: B&H Publishing Group: 1991, p. 335.

<sup>21</sup> OTT, Craig; WILSON, Gene. **Plantação global de igrejas**: princípios bíblicos e as melhores estratégias de multiplicação. Curitiba: Esperança, 2013, p. 448.

<sup>22</sup> DUNN, James D. G. **The Epistles to the Colossians and to Philemon**. [The New International Greek Testament Commentary \(NIGTC\)](#). Grand Rapids, MI: 2014, p. 301,336.

<sup>23</sup> BARBOSA, João Cândido. O trabalho e a escravidão na visão do apóstolo Paulo. **FRAGMENTOS DE CULTURA**. Goiânia, v. 24, n. 3, p. 403-411, jul./set. 2014, p. 404.

A carta é particularmente calorosa e pessoal. Paulo chega até mesmo a fazer humor – um trocadilho com o nome de Onésimo, que significa *útil*. Será que Paulo queria dizer que ele não tinha sido bom em seu trabalho, ou que talvez estaria sendo obstrutivo? Além da saudação inicial nos versículos 1-3, e a final nos versículos 23-25, na carta de Filemom, o pronome "tu/você" é singular em todo o restante do texto. A carta está cheia de louvor e apreciação. Paulo trata Filemom como "amado" (v.1), "nosso colaborador" (v.1), "irmão" (v.7), e a Onésimo como "meu filho" (v.10), "meu próprio coração" (v.12), "irmão caríssimo" (v.16). Ele elogia Filemom pela sua fé e amor e diz que recebeu muita alegria e encorajamento da parte dele (vv. 5,7).

Colossenses 4.7-18 traz luz sobre o pano de fundo da carta. Onésimo estava sendo enviado de volta a Colossos, onde vivia seu amo Filemom. Agora um "irmão fiel e amado", Onésimo estava acompanhado de Tíquico, ambos conduzindo duas cartas de Paulo: uma geral, para a igreja de Colossos, e outra, pessoal, para Filemom. É provável que eles também estivessem carregando a carta a Laodiceia, mencionada em Colossenses 4.16. O texto deixa transparecer a ideia de que Paulo tinha contato com amigos do lado de fora da prisão. No caso da prisão domiciliar em Roma, no fim do livro de Atos, ele podia enviar mensageiros, escrever cartas e receber visitantes.<sup>24</sup>

A carta é aparentemente simples, o conteúdo é prático e direto numa primeira leitura, mas muitos aspectos dessa simplicidade têm sido questionados pelos críticos. Avaliações têm sido feitas do ponto de vista da autenticidade, contexto sócio-histórico-cultural-econômico, no qual todos os personagens têm papéis diferentes e ligações uns com os outros. Alguns comentaristas levantaram questões sobre o paradeiro de Paulo quando a carta foi escrita e há discussões sobre o tempo da escrita em comparação com as viagens e atividades eclesíásticas de Paulo, como elas aparecem em suas outras cartas e no livro de Atos.

O contexto geral da epístola gira em torno da missiva que Paulo envia a um rico cristão convertido da cidade de Colossos. Nesta correspondência Paulo não trata primordialmente de questões eclesíásticas comunitárias, como na maioria de suas epístolas, mas de um assunto pessoal pendente entre Filemom e outra pessoa, agora responsabilidade de Paulo.

#### 4. PAULO E SUA RELAÇÃO COM O ESCRAVO ONÉSIMO

Como Onésimo teria encontrado Paulo? É possível que Onésimo tenha deliberadamente decidido ir atrás de Paulo. Se ele tivesse fugido de Filemom e estivesse em apuros, ele precisava encontrar algum tipo de asilo e proteção. Onésimo provavelmente tinha conhecimento do relacionamento de Paulo com Filemom. A lei ateniense, que ainda tinha bastante aplicação naqueles dias – apesar do domínio geral romano –, dava margem a que um escravo fugitivo procurasse asilo na casa de um amigo ou de familiares influentes, e que fosse protegido contra maus tratos.<sup>25</sup>

<sup>24</sup> KILLINGRAY, 2007, p. 86.

<sup>25</sup> DMITRIEV, Sviatoslav. The protection of slaves in the Athenian law against hubris. Vol. 70, No.1/2. Toronto: **Phoenix Journal**, Classical Association of Canada, 2016. p. 64-76.

Onde estava Paulo quando escreveu esta carta para Onésimo levar de volta a Colossos? Alguns comentaristas dizem que em Roma, outros dizem que em Cesareia ou Éfeso. A ideia de ser Éfeso tem ganhado popularidade ultimamente, e parece bastante plausível. Colossos distava cerca de 170 quilômetros mais para o interior de Éfeso, conectada por uma estrada principal na Turquia asiática ocidental, e assim a jornada para encontrar Paulo não teria sido muito difícil. O encontro não teria sido tão fácil se Paulo estivesse preso em Roma. Além disso, Paulo pede a Filemom que prepare um quarto de hóspedes para ele, o que outra vez sugere a ideia de uma viagem administrável.<sup>26</sup> Hoje, Colossos se resume a um grande amontoado de ruínas, com um letreiro de metal ligeiramente desgastado. Colossos foi devastada por um terremoto em 60 d.C., o que pode ajudar na tentativa de datar as epístolas.<sup>27</sup>

Quanto à data e local de escrita da epístola, convém destacar o que dizem os pesquisadores da Escola Bíblica e Arqueológica Francesa de Jerusalém:

A determinação da data da epístola está relacionada à prisão do apóstolo mencionada no texto. Tradicionalmente, esta epístola tem sido datada dentro do cativeiro romano (cerca de 60-63), mas a distância entre Roma e Colossos torna pouco provável a possibilidade de Paulo ver Filemom novamente em breve (v.22). A hipótese do cativeiro em Cesareia (Atos capítulos 23-26, 59-60) cai sob o mesmo argumento. Existe um consenso crescente de que Paulo estaria na prisão em Éfeso, o que dataria a carta nos anos 54-56.<sup>28</sup>

Independentemente do local ou da data da escrita, existe unanimidade entre os eruditos quanto ao fato de que foi Paulo quem escreveu a epístola, dele ter estado de fato preso, e de que o jovem escravo Onésimo tenha entrado em contato com ele. Neste contato, Paulo fez de Onésimo um convertido à fé cristã, discipulou-o e o enviou-o de volta a Filemom para conserto e reconciliação. Pode ser que ele estivesse fugindo de Filemom, a quem ele havia prejudicado de alguma forma, talvez por meio de roubo ou qualquer outro tipo de prejuízo. Paulo manda-o de volta, implorando a Filemom que o receba como a um irmão em Cristo, possivelmente para libertá-lo.

O passado de Paulo como um fariseu bem-educado significava que ele tinha um grande conhecimento do Antigo Testamento. Ele teria conhecimento de todas as leis do Pentateuco envolvendo escravidão, incluindo Deuteronômio 23.15,16: "Não entregarás ao seu senhor o escravo que, tendo fugido dele, se acolher a ti. Contigo ficará, no meio de ti, no lugar que escolher, em alguma de tuas cidades onde lhe agrada; não o oprimirás" (ARA).<sup>29</sup> Mas, apesar de na Ásia Menor o direito romano regulamentar a escravidão em favor dos donos de escravos, Bruce diz que essa mesma lei diz que um escravo que fosse maltratado pelo seu

<sup>26</sup> KILLINGRAY, 2007, p. 87.

<sup>27</sup> PADFIELD, David. **Colosse, Hierapolis, Laodicea.** Disponível em <https://www.padfield.com/acrobat/history/laodicea.pdf>. Acesso em 06 de março de 2019. p.03

<sup>28</sup> [ÉCOLE BIBLIQUE ET ARCHEOLOGIQUE FRANÇAISE](https://www.bibletraditions.org/vd/fr/09.Phm.fr.pdf) DE JERUSALEM. **Épître de saint Paul à Philémon.** La Bible en ses traditions AISBL. Roubaix, France: BEST AISBL. Disponível em: <https://bibletraditions.org/vd/fr/09.Phm.fr.pdf>. Acessado em 31.03.2015. p.169

<sup>29</sup> Provavelmente essa prescrição se referia aos escravos que fugiam para se refugiar em Israel, vindo das nações vizinhas, onde as condições de tratamento eram bem piores que no meio dos israelitas.

senhor poderia procurar um amigo do senhor e buscar asilo, pedindo àquele amigo para mediar entre o escravo e o senhor, o que poderia ter sido a intenção de Onésimo ao procurar Paulo.<sup>30</sup>

Há variáveis a serem consideradas nas motivações e na estratégia de defesa de Onésimo. O "lugar" final de redenção escolhido por ele não poderia ser a prisão de Paulo. Seu único lugar ideal para refúgio, paradoxalmente, estava justamente no lugar onde ele era conhecido – de volta como um irmão em Cristo, em Colossos. Mas será que ele seria oprimido? O desafio de Paulo era garantir que ele encontrasse acolhida e perdão total. Ele o envia de volta com um apelo a Filemom para que o aceite. Talvez Onésimo nem tivesse roubado dinheiro ou objetos de valor de Filemom, sendo possível que a oferta de Paulo para pagar qualquer coisa devida por Onésimo fosse uma resposta à lei que dizia que os dias de trabalho perdidos deveriam ser compensados financeiramente por qualquer pessoa que abrigasse escravos fugitivos.<sup>31</sup>

Pesquisadores como Byron<sup>32</sup>, Killingray<sup>33</sup> e Cadwallader<sup>34</sup> acham difícil descobrir exatamente o que Paulo está pedindo que Filemom faça. Ele estaria simplesmente pedindo uma acolhida calorosa e perdoadora antes de Onésimo retomar suas tarefas como escravo doméstico? Ele está pedindo que Filemom o liberte? Ou Paulo está sendo deliberadamente ambíguo no seu pedido? O tom da carta é conciliatório, mas parece que Paulo quer que Filemom resolva por si mesmo o que fazer com o escravo quando ele retornar. Com relação a esse impasse, Lodovic Nobel diz o seguinte:

...nos 25 versos que compõem a nossa carta, Paulo repete e martela três vezes a palavra *σπλάγχνα* (amor, afeição, ternura - versos 7,13,20). Por essa insistência, Paulo espera suscitar, do mais profundo das entranhas de Filemom, um clamor do coração que o levaria a agir contra a razão, isto é, acolher seu escravo Onésimo como um irmão.<sup>35</sup>

Paulo parece estar pedindo que, quando a relação entre Filemom e Onésimo fosse resolvida, ele gostaria muito de ter Onésimo de volta para ajudá-lo em seu trabalho e ministério. Paulo convoca Filemom e a igreja a receber Onésimo de volta como um irmão cristão, com o mesmo tipo de acolhida que teria sido dado a Paulo. Os paralelos com Jesus e a história do filho pródigo ficam bem evidentes: dar uma festa para o pródigo e recebê-lo não

<sup>30</sup> BRUCE, F. F. **The epistles to the Colossians, to Philemon, and to the Ephesians**: The New International commentary on the New Testament. 2nd revised edition. Grand Rapids: 1984, p. 400.

<sup>31</sup> KILLINGRAY, Margaret. **The Bible, Slavery and Onesimus**. ANVIL Volume 24 No 2, 2007. London: ANVIL, 2007. p. 87.

<sup>32</sup> BYRON, John. The Epistle to Philemon: Paul's strategy for forging the ties of kinship. p. 205-216. In: **Jesus and Paul**: Global Perspectives in Honor of James D.G. Dunn for his 70th Birthday. T & T Clark, 2009. New York, NY, 2009, p. 213.

<sup>33</sup> KILLINGRAY, 2007, p. 87.

<sup>34</sup> CADWALLADER, Alan. Name punning and social stereotyping: re-inscribing slavery in the letter to Philemon. **Australian Biblical Review**, 61, 2013. p. 44-60. Australian Catholic University: Brisbane, 2013. Disponível em [https://researchbank.acu.edu.au/ftp\\_pub/571/](https://researchbank.acu.edu.au/ftp_pub/571/). Acesso em 06 de março de 2019. p. 53.

<sup>35</sup> NOBEL, Ludovic. **Paul, Onésime et Philémon**: Maîtres et esclaves libres. Thèse présentée à la Faculté de théologie de l'Université de Fribourg (Suisse), pour obtenir le grade de docteur. Fribourg (Suisse): UNIFR, 2010, p. 28.

como um servo, mas como a um irmão e um filho, e não aceitar murmurações e resmungos sobre isso vindo lá do quintal.<sup>36</sup>

Por mais que Paulo quisesse ser radical contra a escravidão, nem aqui nem na Carta aos colossenses, que seria lida publicamente, ele gostaria de fazer uma declaração clara e direta contra a escravidão, pois isso poderia atrair a ira e mais suspeitas das autoridades sobre a pequena e nova igreja. E como a sua prisão poderia ter sido consequência de proclamar um rei diferente de César, ou de provocar conflitos civis, não seria politicamente correto nem apropriado fazer declarações radicais em público. Ele não diz que Onésimo fugiu ou desertou, mas usa uma expressão mais vaga: “afastado de ti” (v.15). Mas isso pode ser uma maneira eufemística e diplomática de abordar o status de Onésimo como um escravo fugitivo mesmo. Sobre estas coisas, John MacArthur escreve:

Em nenhum momento o Novo Testamento dirige ataques contra a escravidão. Se assim o fizesse, as consequentes rebeliões de escravos seriam brutalmente reprimidas e a mensagem do evangelho seria irremediavelmente confundida com uma reforma social. Em vez disso, a doutrina cristã combateu os males da escravidão transformando o coração de escravos e donos de escravos.<sup>37</sup>

Considerando que Filemom poderia ter vários escravos sob sua propriedade, não soaria bem para os demais a libertação de apenas um escravo. Se ele libertasse esse que se tornou cristão e irmão, apesar das ofensas e prejuízos, isso poderia afetar a disciplina entre os demais escravos, tanto em sua casa como na vizinhança. Além do mais, devia haver outros escravos já crentes na casa, e eles não terem o mesmo privilégio poderia suscitar insatisfações e motins.

A comunidade cristã de Colossos era relativamente nova e não tinha condições de lidar facilmente sozinha com uma situação de tal magnitude. A escravidão era uma instituição por demais arraigada no *ethos* greco-romano.

## 5. ESCRAVOS NA IGREJA CRISTÃ DO MUNDO MEDITERRÂNEO DO PRIMEIRO SÉCULO

A Ásia Menor, onde Éfeso, Colossos, Laodiceia e Hierápolis se localizavam, era uma região multicultural e multiétnica. Tal era também a realidade no meio das comunidades cristãs, pois os membros dessas igrejas eram pessoas vindas de todas as camadas sociais. Assim, muitas questões ético-pastorais devem ter surgido, sendo o caso Onésimo, em pauta, um dos mais expressivos. Os escravos nem sempre poderiam se manter puros em obediência e consagração ao seu novo Senhor. Havia escravos envolvidos na administração e finanças da estrutura familiar, e eles não podiam recusar subitamente a utilização de práticas e métodos imorais que eram comuns nos negócios domésticos. Em muitas casas os escravos deveriam estar sexualmente disponíveis para seus donos. Seus corpos não pertenciam a si mesmos. Aliás, uma das palavras gregas para escravo é *soma* (σῶμα), que significa, literalmente,

<sup>36</sup> KILLINGRAY, 2007, p. 87.

<sup>37</sup> MACARTHUR, John. **Colossenses e Filemom**: Inteira e reconciliação em Cristo. Tradução de Sérgio Martins. São Paulo: Cultura Cristã, 2011, p. 88.

“corpo”. Esposas romanas, quando por algum motivo não podiam dormir com seus maridos, disponibilizavam uma de suas jovens escravas para essa função.<sup>38</sup> Expediente semelhante foi usado por Sara com Hagar e Abraão em Gênesis capítulo 16, quando aquela não podia procriar e queria por todos os meios gerar um herdeiro para a família. Era como se a escrava fosse apenas um objeto, uma extensão de si mesma.

Muitas prostitutas dos templos eram escravas. Se alguma delas se tornasse cristã, como poderia obedecer ao mandamento de Paulo para não se envolver na licenciosidade sexual? As famílias de escravos podiam ser separadas e enviadas separadamente para novos proprietários, para nunca mais se reunirem. Como eles poderiam obedecer aos códigos domésticos da igreja, como a proibição do recasamento e o dever de manter a pureza sexual? Que tipos de tensão existiam nas pequenas igrejas onde os senhores, seus escravos e os escravos de outros senhores não-cristãos adoravam juntos? Como os escravos reagiam diante do assédio sexual e maus tratos físicos contra outros escravos mais jovens e vulneráveis? E se um escravo fosse levado a profetizar na igreja, com seu dono sentado, ouvindo? Poderiam eles admoestar-se mutuamente e levar as cargas uns dos outros?

Há ainda que se discutir as práticas coletivas de batismo, quando famílias inteiras eram batizadas. Além dos debates sobre o batismo infantil, vale perguntar se os escravos e seus filhos também eram batizados como parte da família maior. No dia a dia os cristãos tinham que se posicionar contra questões que iam de encontro a sua nova fé e conduta ética, como a punição de criminosos, os espetáculos na arena e a participação nos festivais pagãos regulares, alguns dos quais carregavam elementos da adoração ao Estado e ao Imperador. Escravos cristãos de senhores não cristãos certamente eram obrigados a participar dessas atividades.

Paulo enfatiza em Gálatas 4.7: “De sorte que já não és escravo, porém filho; e, sendo filho, também herdeiro por Deus”. Jesus também enfatizou as duas leis do amor e ampliou o termo “próximo”, que em Levítico 19 se referia aos parentes e à base do clã, para incluir qualquer pessoa. Ele também instruiu os discípulos a amarem seus inimigos. Em Seu discurso sobre o trono do julgamento em Mateus 25, Ele acolhe no Reino aqueles que alimentaram os famintos, deram bebida ao sedento, acolheram os forasteiros, cuidaram dos doentes e visitaram o prisioneiro. “O Rei, respondendo, lhes dirá: Em verdade vos afirmo que, sempre que o fizestes a um destes meus pequeninos irmãos, a mim o fizestes” (Mt 25.40). Em Mateus 20.26, respondendo a um pedido pelos melhores lugares no Reino, Ele disse: “Não é assim entre vós; pelo contrário, quem quiser tornar-se grande entre vós, será esse o que vos sirva”.

Sobre a atitude de Jesus, e aquela que deviam ter Seus seguidores diante do problema da escravidão, Glancy escreve:

Uma olhada na frequência e consistência das referências de Jesus aos corpos espancados de escravos deveria nos alertar para a persistente e intensa violência da escravidão antiga. Ao mesmo tempo, a consciência da desonra associada à escravidão deve nos trazer uma nova apreciação da novidade do mandato de Jesus a Seus seguidores para abraçar o papel de “servo de

---

<sup>38</sup> KILLINGRAY, 2007, p. 89.

todos”. Jesus morreu uma morte excruciante e humilhante, a morte de um escravo. Essa morte é um modelo para a vida dos discípulos. Jesus não condenou a instituição da escravidão. O que ele exige é algo inesperado. Ele estipula que Seus seguidores devem se tornar uma comunidade de escravos servindo uns aos outros. Quão estranho este mandato deve ter soado no primeiro século. Quão estranho ele soa ainda hoje.<sup>39</sup>

Em essência, Paulo declara a Filemom a necessidade de superação do sistema escravagista por meio do amor e da fé no Senhor Jesus Cristo, pois entre companheiros de fé não pode existir relação de subordinação, mas de igualdade e fraternidade.<sup>40</sup> Ao escrever este bilhete tão cheio de significado e implicações para seu amigo Filemom, Paulo está passando uma mensagem profunda, perigosa e comprometedora para todos os envolvidos na situação e no contexto que os envolvia.

## 6. A MENSAGEM SUPERIOR DE FILEMOM FACE ÀS RELAÇÕES ESCRAVOCRATAS

Escravos e escravidão, no texto bíblico, levantam a importante questão de como a narrativa é lida pelos cristãos do século XXI. Será que esta carta ensina que os fugitivos devem ser enviados de volta para seus donos, não importando as circunstâncias, como alguns pregadores bíblicos disseram no passado? Ou existem peculiaridades latentes em cada particular situação, o que pode ser compreendido através dos meandros desta carta pequena, mas tão complexa? Ao ler a narrativa, percebe-se que há lutas semelhantes envolvidas nas realidades dos homens e mulheres que lutam para ser fieis à mensagem cristã nas sociedades atuais. Quaisquer julgamentos sobre eles devem ser feitos com base em princípios éticos centrados em Cristo, derivados do texto como um todo.<sup>41</sup>

Esta carta, que é quase um bilhete em tamanho, pois contém apenas 335 palavras, segundo John Byron,<sup>42</sup> ajuda muito na compreensão de como funciona o poder transformador de Cristo nas vidas pessoais, bem como na comunhão dos crentes e na comunidade mais ampla da igreja. Paulo escreve com gentileza e humildade, e para sentir como agora ele é um homem mudado, basta comparar sua vida antes da conversão com o homem agora encarcerado. Paulo defende a necessidade de mudança nas relações entre patrão e empregado em busca de uma sociedade fraterna, denunciando o sistema opressor predominava à época. Nos versículos 17 e 18 da epístola, Paulo pede a Filemom que receba Onésimo como se fosse o próprio Paulo, colocando Onésimo no mesmo nível que o seu. Com isso, Paulo proclama a superação de qualquer desigualdade social, cultural e religiosa. Joel Antônio Ferreira diz que “Onésimo, o escravo, simboliza os endividamentos de qualquer sistema. Paulo aponta a dívida como um obstáculo para se chegar à liberdade total”.<sup>43</sup> Por

<sup>39</sup> GLANCY, Jennifer A. *Slavery as moral problem in the Early Church and today*. Minneapolis, MN: Fortress Press, 2011, p. 27.

<sup>40</sup> BARBOSA, 2014, p. 407.

<sup>41</sup> KILLINGRAY, 2007, p. 93.

<sup>42</sup> BYRON, 2009, p. 205.

<sup>43</sup> FERREIRA, Joel Antônio. *Paulo, Jesus e os marginalizados: leitura conflitual do Novo Testamento*. 2.ed. Goiânia: PUC, 2011, p. 100.

outro lado, Paulo aponta para a supremacia da liberdade cristã como superadora das limitações sociais.

Avaliando como a mensagem do evangelho de Jesus prevaleceu diante de um sistema injusto e opressivo, John Dominic Crossan e Jonathan L. Reed, dizem o seguinte:

A análise das fontes e as informações fornecidas pela pesquisa bibliográfica sugerem que a epístola dirigida a Filemom tinha uma dupla função: comunicar a conversão de Onésimo e apelar em favor de sua liberdade como escravo de Filemom. Diante do paradoxo “irmãos na esfera religiosa, escravo e senhor na esfera social”, percebe-se que Paulo se opõe a esta contradição, e de todas as formas busca persuadir Filemom a libertar o escravo. Usando de argumentos teológicos, uma vez que tinha consciência de sua autoridade sobre a igreja que se reunia na casa de Filemom, ele objetivou alcançar o âmbito social, apelando para que o proprietário cristão reconhecesse Onésimo não apenas como um irmão “segundo o Senhor”, mas também como um irmão “segundo a carne”.<sup>44</sup>

Paulo promove a comunhão cristã, o amor como o dom mais elevado. O termo *koinōnia* (κοινωνία – comunhão) é usado treze vezes apenas nas correspondências paulinas – comparado com apenas seis utilizações no restante do Novo Testamento. O uso que Paulo faz do termo (e seus derivados) na sua construção conceitual da comunidade cristã é bastante apreciado e louvável na igreja cristã atual, como defende o teólogo germânico Ulrich Roth.<sup>45</sup>

Pela comunhão, os crentes juntos modelam e demonstram sua teologia, mostrando o caráter de Deus em seus relacionamentos. Esta postura é consistente com a doutrina paulina em todas as demais epístolas, onde escravos e livres, judeus e gentios, homem e mulher, todos são um em Cristo. Quando Onésimo for recebido de volta como um novo irmão em Cristo, toda a comunidade, seja qual tenha sido o relacionamento anterior com ele, juntar-se-á à alegria acolhedora. Paulo está dizendo a Filemom que ele e Onésimo são agora um projeto unificado com todos os santos, lado a lado no evangelho da reconciliação.

Diante da nova percepção que Paulo esperava que todos tivessem da situação, ele escreve a forte colocação do versículo 16: “*ouketi ôs doulon all uper doulon adelphon agapêton malista emoi posô de mallon soi kai en sarki kai en kuriô*”<sup>46</sup> (“não como escravo; antes, muito acima de escravo, como irmão **caríssimo** [grifo do autor], especialmente de mim e, com maior razão, de ti, quer na carne, quer no Senhor” - ARA). Mas, o que ele queria dizer com esse apelo? À luz do que representava os relacionamentos entre escravos e mestres e entre ex-escravos e libertos, a preocupação de Paulo parece ter sido mais perceptiva e relacional do que estrutural. Craig de Vos diz que Paulo não procura alterar o fato de que legal e estruturalmente Filemom e Onésimo permaneciam como mestre e escravo. Segundo ele,

<sup>44</sup> CROSSAN, John Dominic; REED, Jonathan L. **Em busca de Paulo**: como o apóstolo de Jesus opôs o Reino de Deus ao Império Romano. São Paulo: Paulinas, 2007, p. 109

<sup>45</sup> ROTH, Ulrike, (2014). **Paul, Philemon, and Onesimus**: a Christian design for mastery (Zeitschrift für die Neutestamentliche Wissenschaft). Vol 105, no. 1, p. 102-130. DOI: 10.1515/znw-2014-0006. p.104

<sup>46</sup> “ουκετι ως δουλων αλλ υπερ δουλων αδελφων αγαπητων μαλιστα εμοι ποσω δε μαλλον σοι και εν σαρκι και εν κυριω”. Quando Paulo diz **οὐκέτι ὡς δοῦλον**, ele não está necessariamente inferindo a *alforria*, mas o fato de que, mesmo que a relação externa de escravidão permanecesse inalterada, a relação *ética* tinha se tornado *outra*, mais *alta* (**ὑπὲρ δοῦλον**), uma relação de afeição fraterna. (Meyer’s NT Commentary).

Paulo queria provocar uma mudança fundamental na natureza do relacionamento deles como mestre e escravo. Só então a alforria, se Filemom finalmente escolhesse prosseguir com essa opção, faria alguma diferença.<sup>47</sup>

Esta carta evoca a lembrança de que cada cristão, de certa maneira, convive com algumas limitações, tendo que fazer algumas coisas que não podem ser mudadas. Onésimo não pode mudar seu status de escravo; Paulo, na prisão tem que confiar nos outros, nas cartas, e operar à distância. Filemom precisa decidir o que é possível para ele, ao ter que se posicionar contra um sistema social e legal fortemente arraigado e aceito nos seus dias. A transformação ao longo da vida dos cristãos para se conformarem à imagem de Jesus pode acontecer mais facilmente em situações difíceis do que em situações de facilidade e conforto.<sup>48</sup>

De certo modo, poderia parecer que Paulo estava pedindo demais. Contudo, para os padrões do Reino de Deus e do sistema dominante, o evangelho “pede demais” mesmo. É como se Paulo quisesse que Filemom desafiasse os valores errados sobre os quais os pilares da cultura greco-romana estavam firmados. Mesmo assim, Paulo e Filemom estavam cientes de que ao tratar Onésimo desta maneira, Filemom estaria indo de encontro a padrões sociais e culturais, o que poderia atrair sobre si a vergonha pública.<sup>49</sup>

A epístola também ensina uma lição sobre a resolução de conflitos. Há um estremecimento profundo entre dois homens cristãos. Envolve possivelmente roubo, traição, abandono, prejuízos e ressentimento. Requer perdão, reconciliação e novos começos. Paulo relembra Filemom que ele é moralmente responsável por viver uma vida cristã consistente. Mas Paulo também elogia Filemom, dizendo o quanto ele aprecia tudo o que ele faz por amor à igreja. Bem mais que isso, Paulo também promove a autonomia de Filemom e deixa por conta dele tomar as decisões que se ajustem à sua nova vida transformada. Como apoio, ao devolver Onésimo ao seu dono, Paulo envia Tíquico junto, um homem que tem posição e autoridade sobre as igrejas da Ásia ocidental. Assim, ele protegeria Onésimo, agindo como um possível intermediário para a tensa chegada a Colossos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Hoje, ainda existe muita escravidão em regiões como a África e o extremo Oriente, apesar de que o Ocidente não está imune a estas práticas. Contudo, nos ambientes eclesiais, a metáfora da escravidão é usada quase que exclusivamente em termos da vida religiosa dos crentes, e não em termos da vida social real. Ao tentar viver como cristão, a pessoa é tentada por muitos fatores, como dinheiro, honra, conhecimento, reputação. Esses fatores podem impedir que os cristãos vivam como autênticos discípulos de Jesus. Os cristãos, às vezes, perdem sua identidade cristã por causa da tentação e dos instintos. Em outras

---

<sup>47</sup> VOS, Craig Steven de. Once a slave, always a slave? Slavery, manumission and relational patterns in Paul's letter to Philemon. **Journal for the Study of the New Testament** – JSNT. Volume 23 Issue 82, July 2001. pp. 89-105. Manchester, UK. p. 102.

<sup>48</sup> KILLINGRAY, 2007, p. 93.

<sup>49</sup> VOS, 2001, p. 103-104.

palavras, as pessoas se tornam escravas de seus desejos e buscam os prazeres mundanos, tornando-se escravos deles e não escravos de Cristo. Eles perdem a noção da verdadeira liberdade em Cristo. Assim, a imagem da escravidão levanta questões importantes em termos do que é a identidade de um cristão e como os cristãos devem viver como servos de Jesus Cristo. Aqueles que são chamados escravos de Jesus Cristo são pessoas livres. Somente eles podem experimentar a verdadeira liberdade em Cristo Jesus.

Há cerca de 200 anos, alguns cristãos britânicos e americanos resistiam aos abolicionistas, não apenas por razões econômicas, mas também usando bases bíblicas! Há apenas 140 anos, intelectuais e alguns políticos brasileiros lutavam pela abolição da escravatura no país, mas sem apoio ou militância por parte dos primeiros missionários protestantes que aqui se instalavam.

Tal como nos dias de Paulo e Filemom, a igreja precisa estar ciente dos abusos contra os direitos humanos, análogos à escravidão, que existem atualmente. São pessoas compelidas a trabalhar em atividades semiescravas e no comércio sexual, por exemplo. Ela é conclama a apoiar ativamente os movimentos legítimos que lutam contra as várias formas de escravidão nos dias atuais. A Declaração Universal dos Direitos Humanos, carta da ONU de 1948, diz o seguinte: “Ninguém será submetido à tortura nem a tratamento ou castigo cruel, desumano ou degradante”<sup>50</sup>. E assim, o desafio é agir com justiça e honestidade para com aqueles que servem em toda e qualquer relação laboral.

Será que Filemom aceitou as sugestões e pedidos fortes de Paulo, e agiu como este esperava que ele agisse? A sobrevivência da carta, sua aceitação no cânon e o próprio contexto literário e linguístico do texto sugerem que sim.

## REFERÊNCIAS

BARBOSA, João Cândido. O trabalho e a escravidão na visão do Apóstolo Paulo. **Fragments de Cultura**, Goiânia, v. 24, n. 3, p. 403-411, jul./set. 2014.

BARCLAY, John M. G. Paul, Philemon and the dilemma of Christian slave-ownership. **New Testament Studies**. Volume 37, Issue 2 April 1991, p. 161-186. Cambridge: Cambridge University Press, 2009. Disponível em <https://doi.org/10.1017/S0028688500015642>. Acesso em 18 de agosto de 2018.

BERG, Peter A.J. van den. Slaves: persons or property? The Roman law on slavery and its reception in Western Europe and its overseas territories. **Osaka University Law Review**. No. 63 (February 2016). p.171-188.

BORGES, Airan dos S.; SANTOS, Karina D. O discurso paulino e as representações da escravidão romana no século I E.C.: um estudo de caso sobre a Epístola a Filemon. **Romanitas – Revista de Estudos Grecolatinos**, n. 9, 2017 p. 177-193.

<sup>50</sup> ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS – ONU. **Declaração Universal dos Direitos Humanos**. Artigo 4. Rio de Janeiro: UNIC/Rio, 2009. p. 5. Disponível em <http://www.onu.org.br/img/2014/09/DUDH.pdf>. Acesso em 18 de agosto de 2018.

BRUCE, F. F. **The Epistles to the Colossians, to Philemon, and to the Ephesians: The New International Commentary on the New Testament.** 2nd revised edition. Grand Rapids: 1984. 470 p.

BYRON, John. **The Epistle to Philemon: Paul's strategy for forging the ties of kinship.** pp. 205-216. In: *Jesus and Paul: Global Perspectives in Honor of James D.G. Dunn for his 70th Birthday.* T & T Clark, 2009. New York, NY, 2009.

CADWALLADER, Alan. Name punning and social stereotyping: re-inscribing slavery in the letter to Philemon. **Australian Biblical Review**, 61, 2013. pp. 44-60. Australian Catholic University: Brisbane, 2013. Disponível em [https://researchbank.acu.edu.au/ftp\\_pub/571/](https://researchbank.acu.edu.au/ftp_pub/571/). Acesso em 06 de março de 2019.

CHABAB.org. **Mishpatim in a nutshell.** Disponível em [https://www.chabad.org/parshah/article\\_cdo/aid/1298/jewish/Mishpatim-in-a-Nutshell.htm](https://www.chabad.org/parshah/article_cdo/aid/1298/jewish/Mishpatim-in-a-Nutshell.htm). Acesso em 20 de janeiro de 2020.

CLAVEL-LEVEQUE, Monique. La lettre de Paul à Philémon et les rapports esclavagistes. In: **Dialogues d'histoire ancienne.** Vol. 7, 1981. p. 221-233. Disponível em : [http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/dha\\_0755-7256\\_1981\\_num\\_7\\_1\\_1432](http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/dha_0755-7256_1981_num_7_1_1432). Acesso em 31 de março de 2015.

CROSSAN, John Dominic; REED, Jonathan L. **Em busca de Paulo: como o apóstolo de Jesus opôs o Reino de Deus ao Império Romano.** São Paulo: Paulinas, 2007. 432 p.

DMITRIEV, Sviatoslav. **The protection of slaves in the Athenian law against hubris.** Vol. 70, No.1/2. Toronto: Phoenix Journal, Classical Association of Canada, 2016.

DUNN, James D. G. **The Epistles to the Colossians and to Philemon.** The New International Greek Testament Commentary (NIGTC). Grand Rapids, MI: 2014. 408 p.

ÉCOLE BIBLIQUE ET ARCHEOLOGIQUE FRANÇAISE DE JERUSALEM. **Épître de saint Paul à Philémon.** La Bible en ses traditions AISBL. Roubaix, France: BEST AISBL. Disponível em: <https://bibletraditions.org/vd/fr/09.Phm.fr.pdf>. Acessado em 31.03.2015. p.169-181

FERREIRA, Joel Antônio. **Paulo, Jesus e os marginalizados: leitura conflitual do novo testamento.** 2.ed. Goiânia: PUC, 2011. 236 p.

GLANCY, Jennifer A. **Slavery in early Christianity.** Minneapolis: Fortress Press, 2006. 216 p.

GLANCY, Jennifer A. **Slavery as moral problem in the Early Church and today.** Minneapolis, MN: Fortress Press, 2011. 96 p.

HENRY, Natasha L. **Slavery Abolition Act.** Chicago: ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA. Disponível em <https://www.britannica.com/topic/Slavery-Abolition-Act>. Acesso em 06 de março de 2019.

KIRCHSCHLAEGGER, P. G. Slavery and early Christianity – a reflection from a human rights perspective. **Acta Theologica.** Suppl 23: 66-93. Bloemfontein, SOUTH AFRICA. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.4314/actat.v23i15.42016>. Acesso em 18 de agosto de 2018.

MACARTHUR, John. **Colossenses e Filemom: Inteira e reconciliação em Cristo**. Tradução de Sérgio Martins. São Paulo: Cultura Cristã, 2011. 96 p.

MELICK, JR, Richard R. **The New American Commentary: an exegetical and theological exposition of the Holy Scripture (Philippians, Colossians and Philemon)**. Vol. 32. Nashville: B&H Publishing Group: 1991. 416 p.

NOBEL, Ludovic. Paul, **Onésime et Philémon: Maîtres et esclaves libres**. Thèse présentée à la Faculté de théologie de l'Université de Fribourg (Suisse), pour obtenir le grade de docteur. Fribourg (Suisse): UNIFR, 2010.

OH, JUNGHWAN. **Onesimus as slave in the Philemon letter: social and theological implications for ethos and identity**. (Thesis presented in fulfilment of the requirements for the degree Master of Theology at the University of Stellenbosch). Stellenbosch, SA: University of Stellenbosch, 2010. 113 p.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS – ONU. **Declaração Universal dos Direitos Humanos**. Artigo 4. Rio de Janeiro: UNIC/Rio, 2009. p. 5. Disponível em <http://www.onu.org.br/img/2014/09/DUDH.pdf>. Acesso em 18 de agosto de 2018.

OTT, Craig; WILSON, Gene. **Plantação global de igrejas: princípios bíblicos e as melhores estratégias de multiplicação**. Curitiba: Esperança, 2013. 448 p.

PADFIELD, David. **Colosse, Hierapolis, Laodicea**. Disponível em <https://www.padfield.com/acrobat/history/laodicea.pdf>. Acesso em 06 de março de 2019.

REIMER, Ivone Richter (Org). **Economia no mundo bíblico: Enfoques sociais, históricos e teológicos**. São Leopoldo: CEBI/Sinodal, 2006. 2013 p.

ROTH, Ulrike, (2014). **Paul, Philemon, and Onesimus: a Christian design for mastery** (Zeitschrift für die Neutestamentliche Wissenschaft). Vol 105, no. 1, pp. 102-130. DOI: 10.1515/znw-2014-0006. pp. 102-130

SCHEIDEL, Walter. **The Roman slave supply**. Princeton University. May 2007. 22 p. p.13. Disponível em <https://www.princeton.edu/~pswpc/pdfs/scheidel/050704.pdf>. Acesso em 26 de março de 2015.

TEMIN, Peter. The Labor Market of the Early Roman Empire. **Journal of Interdisciplinary History**, xxxiv: 4 (Spring, 2004), 513–538. MIT Press. p.527.

THE ABOLITION PROJECT. **Slave Trade Abolition Bill**. HC Deb 10 February 1807 Vol 8 cc717-22. Disponível em: [http://abolition.e2bn.org/slavery\\_113.html](http://abolition.e2bn.org/slavery_113.html). Acesso em 18 de agosto de 2018.

VOS, Craig Steven de. Once a slave, always a slave? Slavery, manumission and relational patterns in Paul's letter to Philemon. **Journal for the Study of the New Testament – JSNT**. Volume 23 Issue 82, July 2001. pp. 89-105. Manchester, UK. p. 102.

WALSH, Brian J., KEESMAAT, Sylvia C. **Colossians Remixed: Subverting the Empire**. Westmont, Illinois: InterVarsity, 2004. 256 p.

WESTERMANN, W. L. Slavery and the elements of freedom in Ancient Greece. In: FINLEY, M. I. (ed.). **Slavery in Classical Antiquity**: Views and controversies. Cambridge: William Heffer and Sons, 1960. p. 17-32.